



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

A QUESTÃO HOMOAFETIVA NA LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: uma análise do romance “Águas Turvas” de Hélder
Caldeira

THAYNA PRISCILA DE MEDEIROS

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2019

THAYNA PRISCILA DE MEDEIROS

**A QUESTÃO HOMOAFETIVA NA LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: uma análise do romance “Águas Turvas” de Hélder
Caldeira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba–Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Msc. Fábio Pereira Figueirêdo

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

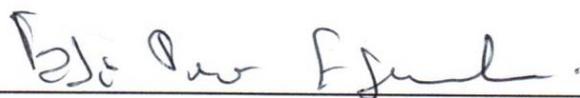
M488q Medeiros, Thayna Priscila de.
A questão homoafetiva na literatura brasileira contemporânea: uma análise do romance "Águas turvas" de Hélder Caldeira [manuscrito] / Thayna Priscila de Medeiros. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueirêdo, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Literatura. 2. Psicanálise. 3. Homoafetividade. I. Título
21. ed. CDD 869.930

THAYNA PRISCILA DE MEDEIROS

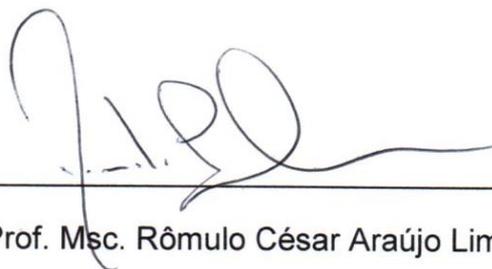
**A QUESTÃO HOMOAFETIVA NA LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: uma análise do romance “Águas Turvas” de Hélder
Caldeira**

Aprovado em: 03/12/2019.

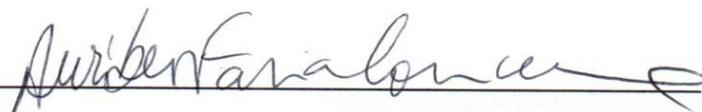
BANCA EXAMINADORA



Prof. Msc. Fábio Pereira Figueirêdo– UEPB/CAMPUS IV
(Orientador)



Prof. Msc. Rômulo César Araújo Lima – UEPB/CAMPUS IV
(Examinador)



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição – UEPB/CAMPUS IV
(Examinador)

Dedico este trabalho a todos aqueles que, mesmo diante de uma sociedade opressora, possuem a coragem de existir e resistir. Que a maldade do mundo nunca ofusque as cores do arco-íris.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de Agradecer a todos que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui. Primeiramente ao Deus que acredito, o que jamais julgaria o conteúdo desse trabalho. Deus do amor, da bondade.

À minha família, por sempre acreditar em mim, especialmente minhas tias/mães Maria Aparecida e Salete, que me criaram e me ensinaram os valores da vida, sempre fazendo o possível e o impossível para que eu fosse feliz nas escolhas que fizesse. Espero um dia poder retribuir ao menos um terço dessa dedicação. Agradeço também aos meus pais, Lúcia Medeiros e José Lopes, que mesmo com a distância se fizeram presentes, me apoiando e torcendo pelo meu sucesso.

Aos meus amigos, que foram essenciais nessa minha jornada acadêmica, quando a nossa mente começa a passar por algumas pressões que tendem a nos desestabilizar, mas eles estavam lá. Sabemos que o tempo passa, as coisas mudam e algumas pessoas se distanciam, mas independente de qualquer coisa, eu nunca esquecerei de vocês e das vezes em que me salvaram. Barraco, DCG e amigos que moraram comigo, obrigada, eu sempre os amarei.

Um agradecimento também para todos os professores que já passaram pela minha vida, em especial para o meu orientador Fábio, que além de professor, se tornou um amigo. Obrigada pela sua paciência e amabilidade ao longo da orientação. Eu não poderia ter escolhido outra pessoa para me acompanhar nesse percurso.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de parafrasear Anitta e agradecer a mim, por não ter desistido. Penso que, antes de qualquer outra pessoa, nós temos que acreditar em nós mesmos, e vencer por nós mesmos. É isso.

*Não importa se você é gay, hétero, bi,
lésbica ou transexual.
Eu estou no caminho certo, baby.
Eu nasci para sobreviver.
Não importa se você é negro, branco, pardo,
latino ou oriental.
Eu estou no caminho certo, baby.
Eu nasci para ter coragem!*

- Lady Gaga

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira as relações homoafetivas vão sendo retratadas ao longo do tempo pela tradição literária, e mais especificamente, na literatura brasileira contemporânea. Tomamos como recorte para a análise, o romance “Águas Turvas”, de Hélder Caldeira, tentando a partir de uma primeira leitura, responder algumas questões, tais como: é possível que a literatura consiga mimetizar as angústias e dúvidas vivenciadas por conta da orientação sexual do personagem em questão? De que modo os traços biográficos do autor resvalam no texto? De que modo a psicanálise percebe a homossexualidade desde os tempos de Freud até os dias atuais? A temática apresenta diversas polêmicas suscitadas sobre ela, e a discussão sobre o tema levada a cabo pela literatura ganha novos contornos. Desta forma, usando como base teórica Michel Foucault (2006), Jacques Lacan (1995, 1999, 2009), Sigmund Freud (1903), entre outros, espera-se contribuir para o esclarecimento de algumas questões, bem como para o embate ao preconceito e à homofobia.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Homoafetividade.

ABSTRACT

This paper aims to investigate how homo affective relationships are portrayed over time by the literary tradition, and more specifically, in contemporary Brazilian literature. We take as a clipping for the analysis, the novel “Águas Turvas”, by Hélder Caldeira, trying from a first reading, to answer some questions, such as: is it possible that the literature can mimic the anguish and doubts experienced due to the sexual orientation of the character in question? How do the author's biographical features slip into the text? How does psychoanalysis perceive homosexuality from Freud's time to the present day? The theme presents several controversies raised about it, and the discussion about the theme carried out by the literature gains new contours. Thus, using as theoretical basis Michel Foucault (2006), Jacques Lacan (1995, 1999, 2009), Sigmund Freud (1903), among others, it is expected to contribute to the clarification of some issues, as well as to the confrontation with prejudice and homophobia.

Keywords: Literature; Psychoanalysis; Homoaffectivity;

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1 A MUDANÇA DO OLHAR PSICANALÍTICO DE FREUD E LACAN EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE | 09 |
| 2 FONTES SOBRE A LITERATURA GAY NO BRASIL | 12 |
| 3 ANÁLISE DA OBRA “ÁGUAS TURVAS” | 14 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 20 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 21 |

INTRODUÇÃO

A homossexualidade foi, por muito tempo, um tabu na nossa sociedade. De uns anos para cá, embora o assunto tenha estado em bastante e constante evidência, ainda é seguido de um grande teor de preconceito e falsas colocações.

A literatura e a psicanálise já se aprofundaram bastante no tema, cada uma com suas vertentes, e diante delas podemos extrair argumentos que desconstruam preconceitos e desmistifiquem pensamentos errôneos, bem como trazer representatividade para as pessoas que se identificam e/ou se entendem nesta orientação sexual. Como disse Foucault (2006): “parece que, tradicionalmente, fez-se funcionar os discursos literários ou filosóficos como substitutos ou como um invólucro geral de todos os outros discursos. A literatura deve valer pelo resto.”

Então, é de extrema importância que esta área exponha a temática para que haja identificação por parte de todas as pessoas, e não somente daquelas consideradas padrões pela sociedade. Algo, inclusive, que precisa ser revisto e modificado, e a literatura pode ser de significativa relevância nesse processo, visto que exerce um importante papel de influência, sobretudo a contemporânea. Desta forma, é cabível que ela trate dos mais diversos temas que possam contribuir para uma melhora na convivência e evolução humana. É essencial que todos os seres possam se encontrar na literatura.

Para Foucault (2006): “[...] a literatura era, cada vez, o objeto de uma constatação, não o objeto de uma análise, nem de uma integração ao próprio campo de análise. Era repouso, a pausa, o brasão, a bandeira...”. Sendo assim, é de grande necessidade que a literatura contemporânea brasileira invista nesses assuntos como forma de representatividade, mas também como forma de protesto e resistência.

Uma obra que traz essa temática é o romance “Águas Turvas”, de Hélder Caldeira. Ele retrata, de maneira muito natural e positiva, a relação entre dois homens. Com base nessa leitura e em estudos de Foucault, Freud, Lacan, etc, é possível analisar o comportamento homoafetivo na obra, diante de uma perspectiva psicanalítica, e o espaço que ele ocupa nas discussões sociais.

1 A MUDANÇA DO OLHAR PSICANALÍTICO DE FREUD E LACAN EM RELAÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE

Inicialmente, a homossexualidade era vista com maus olhos pela psicanálise. Era, para Freud, descrita como uma “perversão”, algo fora do comum. No entanto, qualquer outro ato sexual que fugisse do intuito reprodutivo, era também considerado perverso, inclusive atividades heterossexuais por mero prazer. Como disse Eagleton (2006), ao fazer uma reflexão do pensamento de Freud:

A sexualidade nasceu como uma espécie de impulso que era a princípio inseparável do instinto biológico, mas que agora separou-se dele e conseguiu uma certa autonomia. Para Freud, a sexualidade é, em si mesma, uma “perversão” – o “desvio” de um instinto natural de autopreservação para outra finalidade. (EAGLETON, 2006, p. 230)

Freud tenta, então, de várias maneiras, provar que esse “desvio” no comportamento humano parte de fatores passados que não foram superados, e usa desses argumentos para justificar que questões como a homossexualidade não devem ser tratadas como naturais. Um de seus argumentos foi que as crianças não sabem diferenciar os gêneros:

[...] Freud chama de princípio do prazer; ela também não possui nenhum respeito pelas diferenças de gênero. Ela ainda não é aquilo que poderíamos chamar de “objeto dotado de gênero”: agita-se com impulsos sexuais, mas essa energia libidinal não reconhece nenhuma distinção entre masculino e feminino. (EAGLETON, 2006, p. 232)

Há ainda a questão do complexo de Édipo, que é quando a criança se sente atraída pela mãe (no caso do menino) e considera o pai uma figura inimiga. O que faria isso mudar seria perceber que a mulher é “castrada”, e, temendo que a mesma coisa recaia sobre ele, esse desejo pela mãe se desfaz. Para Freud, se isso não acontece, pode ser desencadeada a homossexualidade:

Se o menino é incapaz de superar com êxito o complexo de Édipo, pode ficar sexualmente incapacitado para esse papel: pode favorecer a imagem da mãe acima de todas as outras mulheres, o que para Freud pode levar à homossexualidade; ou o reconhecimento de que as mulheres são “castradas” pode tê-lo traumatizado tão profundamente, que ele se torna incapaz de manter relações sexuais satisfatórias com ela. (EAGLETON, 2006, p. 233)

Embora esses argumentos sejam, para os dias atuais, completamente arcaicos e fortalecerem a ideia do homossexualismo (ou seja, a homossexualidade como doença), Freud era um homem à frente do seu tempo, podendo ser descrito como um militante da sua época. Embora ele achasse que poderia haver uma terapia para os homossexuais (sem promessa de mudança), ele não permitia que fosse usado o termo doença. Ao responder uma carta em que uma mãe pedia conselhos para um filho homossexual, Freud disse:

A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha que envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual. (JONES, 1979, p. 179)

Portanto, é possível observar aqui que Freud, embora tenha anteriormente descrito a relação entre pessoas do mesmo sexo como sendo um ato de perversão, ao mesmo tempo ele também classifica isso apenas como uma variante das outras práticas sexuais (a maioria também consideradas perversas), e não admite que coloquem essa condição no mesmo âmbito que doença ou crime, e está sempre citando nomes de pessoas importantes que se entendem nesta orientação, ato que reforça a defesa de que essa característica não interfere no caráter ou na capacidade intelectual do sujeito:

A homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais. [...]. Eu tenho a firme convicção de que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental [...]. Os homossexuais não são pessoas doentes. (FREUD, 1903, *apud*, MENAHEN, 2003, p. 14)

Partindo para Lacan, as coisas são mais objetivas: trata-se apenas de corpos, semblante, de “parecer” homem ou mulher e assim se mostrar ao outro. O homem apresenta o que Lacan chama de falo, que seria o órgão sexual masculino, e a mulher, que não o possui, se relaciona com ele. Mas não necessariamente no sentido literal do falo, pode ser também imaginário, por isso ele é um mero significante. “É de saída, porque falar de falo e não de pênis? É que não se trata de uma forma ou de uma imagem ou de uma fantasia, mas de um significante, o significante do desejo” (Lacan, 1958, p. 696). Nesse caso, a mulher não precisaria de um homem de fato, mas sim da representação do falo. Desta forma: “É por

razões inscritas na ordem simbólica, transcendendo o desenvolvimento individual, que o fato de ter ou não o falo imaginário e simbolizado assume a importância econômica que tem no nível do Édipo.” (LACAN, 1957/1995, p.195)

A teoria de Jacques Lacan seria, portanto, a continuidade do pensamento freudiano, com alguns ajustes. Se de um lado o pai da psicanálise afirma que o menino, na infância, teme ficar “castrado” como a mãe, na hipótese lacaniana ele vai tentar suprir a falta que a mãe sente do falo.

Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro, por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar ao outro o que ele pode *ter* de real que corresponda a esse falo, pois o que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse (LACAN, 1958, p. 701 e 702).

Sendo assim, na teoria lacaniana, o medo pelo órgão feminino vai muito além da ideia da castração de Freud, e no caso de um menino homossexual, Lacan vai dizer que isso está mais relacionado ao fato de temer que a mãe tenha engolido o falo do pai. Desta forma, na penetração ele encontraria esse falo.

No entanto, apesar das inúmeras hipóteses estudadas pelos psicanalistas, ainda não é possível obter um resultado concreto. O próprio Lacan confirma a complexidade em analisar a sexualidade humana:

Se a sexualidade humana não pode ser deduzida da anatomia, da fisiologia ou da genética, não se fia ao modelo da reprodução sexual nem se molda aos preceitos de rituais ou instituições culturais – como o casamento, por exemplo – também não é o ato de nomeação (Você é uma menina! Você é um menino!), conduta tangente à linguagem, o que permite ao sujeito se assegurar como um homem ou mulher. (LACAN, 2009, p. 33)

Portanto, fica claro que, embora muitos estudos tenham sido feitos, nenhum deles pode ser usado pra explicar com garantia a homossexualidade, visto que cada sujeito se comporta de um jeito e possui seus próprios fatores que o leva a caminhos individuais. É importante lembrar também que pesquisas são feitas para contribuir com a evolução da ciência e o entendimento humano sobre as coisas, mas nunca devem ser usados pra justificarem preconceitos pessoais.

2 FONTES SOBRE A LITERATURA GAY NO BRASIL

Literatura gay é o nome dado à literatura que é criada por homossexuais ou que engloba personagens ou uma narrativa homoafetiva. Ela não representa um gênero diferente, e sim a junção de vários gêneros que trabalhem com essa temática.

Sendo o Brasil um dos países que mais mata LGBTs, a presença de uma representação literária como forma de militância se faz mais que necessária.

Naturalmente, os homossexuais têm de conquistar os seus espaços de interação e sociabilidade. Conquistar mesmo, já que geralmente foram e são perseguidos de modo implacável pelos cidadãos comuns e, talvez muito pior, pela polícia, pela justiça e pela medicina. (JAMES N. GREEN E RONALD POLITO, 2006, p. 29)

Desta forma, essa realidade começa a ser exibida na literatura brasileira. Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, é o primeiro registro de romance homoafetivo no Brasil, exibindo, além de uma relação entre dois homens, o sexo inter-racial. Tudo isso em um ambiente militar. Foi uma grande quebra de tabus para o ano de 1895.

No entanto, tudo ainda era produzido com um certo grau de censura, visto que causava estranheza na população. Ficava, então, em um nível diferente das demais obras com romances heterossexuais, onde a relação possuía uma maior riqueza de detalhes, podendo inclusive apresentar cenas eróticas. Sendo assim, se fosse comparar, ainda não era justo.

Então, em 1914, é lançado o conto “O Menino do Gouveia”, de Capadócio Maluco, considerada a primeira história pornográfica homoerótica brasileira.

O título joga com um termo da gíria da época, “gouveia”, que significa o homem velho que deseja garotos jovens. Há grande semelhança entre o conteúdo do conto e os relatos da época sobre a vida dos homossexuais. Ainda que não seja obra de valor literário, o texto é fluente e seu autor não é um moralista condenando as preferências homossexuais. Muito pelo contrário, o tom é bem-humorado e Capadócio nos dá uma interpretação positiva das práticas homoeróticas. (JAMES N. GREEN E RONALD POLITO, 2006, p. 37, 38)

Com isso, as pessoas começam a ter acesso a conteúdos que contêm as práticas homoafetivas diante de uma perspectiva natural, tal como eram descritas as relações heterossexuais. E assim o véu que cobria o receio por esse assunto aos

poucos foi caindo e deixando transparecer que essas vidas existem e sentem a necessidade de serem representadas.

Desta forma, foram surgindo cada vez mais obras com temática gay na literatura brasileira, tais como: Morangos Mofados (1986), Stella Manhattan (1999), Grande Sertão: Veredas (1994), Cinema Orly (1999), Ratos (2007), No país das sombras (1979), Memórias da guerra (1986), Lábios que beijei – o romance da Lapa (1992), Olívio (2003), O prédio, o tédio e o menino cego (2009), Um estranho em mim (1999), Contos negreiros (2005), Barrocidade (2003), Dores do amor romântico (2004), O efeito urano (2005), Poesia digesta (2004), Navalha na carne (1978), Toda nudez será castigada (1990), O beijo no asfalto (1990), Matéria básica (2007), O terceiro travesseiro (2007), Apartamento 41 (2007), Caçadores noturnos (2001), Trem fantasma (2002), Eu sou uma lésbica (2006), As traças (2005), Cicatrizes e tatuagens (2007), São Paulo 1930: um romance proibido (2004), Meninos (2007), Amores no masculino (2006), entre muitos outros.

Além das histórias que mostram a cultura homossexual, a literatura brasileira também conta com diversos autores gays que reivindicam seu espaço nas obras e podem expor, de maneira efetiva, a sua realidade. Alguns importantes nomes são: Álvares de Azevedo, João do Rio, Mário de Andrade, Cassandra Rios, Caio Fernando de Abreu, Santiago Nazarian, etc.

Contudo, mesmo diante do apanhado exposto, ainda se faz necessário reconhecer que o público LGBT precisa de mais representação, sobretudo na literatura. Daí que vem a importância de se existir uma “literatura gay”. A necessidade de nomeá-la assim vem do fato de que, historicamente, temos uma literatura predominantemente heterossexual, com protagonistas heterossexuais, e isso faz parecer que as outras realidades são menos importantes ou até mesmo inexistentes. Como disse Márcia Tiburi:

Hetero e homossexualidade são “cenas” do poder ou de um contrapoder. A heterossexualidade é a ideologia em vigência. Ideologia, por sua vez, nada mais é do que a grande mentira na qual todos estão mergulhados como se ela fosse a grande verdade. Isso não quer dizer que a homossexualidade seja a verdade, apenas que, na lógica do poder, ela faz outro papel. (TIBURI, Márcia. Cult. 2018, p. 20)

Sendo assim, é importante que obras como *Águas Turvas* sejam usadas para desmistificar preconceitos de uma sociedade heteronormativa, e também para atuar junto com a comunidade LGBT na resistência contra a opressão. “Em certa época se falou muito de “orgulho gay”, mas hoje em dia podemos falar em algo como “coragem LGBT”. A coragem é a capacidade de assumir, de não se esconder [...]” (TIBURI, Márcia, 2018, p. 20).

Então se o público gay existe e tem a coragem de mostrar que existe, mesmo diante de uma sociedade opressora e assumidamente preconceituosa, nada mais justo do que incluí-lo nas artes, e, nesse caso, na literatura, como forma de representar a realidade e abraçar a diversidade, servindo assim como ponte para se chegar em uma coletividade mais justa e igualitária.

Portanto, diante do conteúdo exposto, é possível deduzir que é de extrema importância e necessidade que a literatura gay seja destaque no Brasil. Um país declaradamente homofóbico precisa de informação e, acima de tudo, representação LGBT, para que assim seja possível a quebra de tabus e preconceitos enraizados.

3 ANÁLISE DA OBRA “ÁGUAS TURVAS” DE HÉLDER CALDEIRA

O romance “*Águas Turvas*”, escrito por Hélder Caldeira, faz parte da literatura brasileira contemporânea e traz à tona a realidade homoafetiva. Tendo em vista que várias questões rodeiam essa temática, é de grande interesse investigar de que forma a psicanálise pode contribuir para o entendimento desses personagens.

[...] já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundi-las. O conjunto das obras literárias oferece um ponto de vista sobre a realidade do homem, sobre o meio onde ele existe tanto quanto sobre a maneira como ele capta ao mesmo tempo este meio e as relações que mantém com ele. (BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*, 1978, p. 13)

A obra retrata o encontro entre dois jovens rapazes que acabam se apaixonando. Diferente da maioria das narrativas homoafetivas, nessa os protagonistas não possuem dúvidas quanto à orientação sexual, tampouco tentam relutar em viver isso. Gabriel, um brasileiro estudante de medicina, desde a infância sabia da sua condição, mas foi aos 30 anos, vítima de um estupro, que passou por sua primeira (e dolorosa) experiência sexual com um homem.

Penetrou sua vítima, como quem sacia uma fome ancestral, bufando como um touro. Gabriel não conseguia produzir qualquer som. Sentia um rasgar interno e uma vontade de vomitar, enquanto o sangue escorria de sua boca e por suas pernas, tingindo o chão no caminho em direção ao ralo. Seus olhos pareciam querer saltar do crânio e nada mais conseguia ouvir, como se estivesse surdo. Suas lágrimas misturavam-se com a água quente que caía ininterruptamente do chuveiro, assim como os movimentos fortes e socados daquele ex-companheiro, ex-colega, ex-amigo e agora brutal e violento estuprador. (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, 2014, p. 26)

A princípio, esse fato poderia ser visto, na psicanálise, como o que firmou em Gabriel o desejo por homens. Mas, diante de todo o trauma e a brutalidade em torno do episódio, seria mais fácil que isso o fizesse adquirir uma completa aversão ao gênero masculino. Já partindo para o agressor, poderia existir nele um desejo reprimido, que ele resolveu expressar como forma de violência, mostrando sua completa insatisfação em sentir aquilo, e seu ódio pelo homem que despertou nele este sentimento.

Lacan detectou o ódio presente desde o estágio do espelho formador do eu, mostrando que o eu se constitui sempre acoplado ao outro, que é o eu-ideal que o sujeito projeta em seus semelhantes com os quais vive se comparando e rivalizando. O eu nunca vem sozinho, ele é geminado ao eu-ideal visto como o outro ameaçador. Esse outro é portanto igual e rival, pois compete com o sujeito por um lugar ao sol no desejo do outro. Competição imaginária, dentro da lógica “você ou eu” numa luta de puro prestígio, como qualificou Lacan, comandada pela pulsão da morte. (QUINET, Antonio. Cult, 2018, p. 25)

Então o agressor seria, na verdade, igual à vítima, e seu ato de brutalidade reflete nada mais que a sua angústia em encontrar no outro aquilo que sempre existiu nele mesmo, porém que foi reprimido.

[...] Fosse por reprovação, vigilância ou até mesmo por alguma tara sexual reprimida ou puro voyeurismo, sempre que o sono lhe permitia, fixava o olhar em Gabriel durante as madrugadas como um ciclope siciliano, um pastor sem leis que acreditava na surreal redenção daquela ovelha desgarrada, um ferreiro tentando forjar uma espada que considerava torta para os padrões de sua convivência. [...] (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, 2014, p. 22)

Outro ponto de insatisfação do agressor poderia ser também o fato de ter descoberto o desejo de Gabriel por outro homem que não era ele. Ambos dividiam quarto com um terceiro colega, e este sempre despertou o interesse de Gabriel, que constantemente o observava dormindo. Essa paixão platônica pode ter

desencadeado o ciúme doentio do abusador, que já confuso de seus sentimentos, se deparou com outro obstáculo.

[...] passou poucos minutos observando o sono erótico do colega logo abaixo e, ao virar-se na cama para finalmente dormir, cruzou seus olhos com o mineiro na cama ao lado, que estava a observar-lhe os movimentos suspeitos. O olhar curioso e, de certa forma, reprovador, fuzilou seus olhos apavorados, descobertos em seu mais profundo e tolhido desejo. (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, 2014 ,p. 22)

A partir deste episódio, o mineiro então tenta apresentar várias garotas para Gabriel, talvez em uma tentativa de consertar o que ele acha que está errado. E, em seu inconsciente, se mudasse em Gabriel, mudaria nele. Mas, como isso obviamente não chegou a acontecer, veio o lamentável caso do estupro.

Todavia, o trauma parece ter sido superado, e poucos anos depois Gabriel conheceu a pessoa com quem posteriormente veio a se casar: Justin. Eles se conheceram casualmente em um aeroporto, e no mesmo instante não houve dúvidas quanto ao interesse mútuo.

Ao ficar de pé, o corpo de Justin posicionou-se a um palmo do dono das malas e seus olhos de um imenso azul encontraram diretamente o doce e assustado tom de mel do outro. Tinham exatamente a mesma altura, aparentemente a mesma idade, e na espantosa simetria corporal de ambos, era possível ver linhas invisíveis unindo-os, geometricamente calculadas. Por uma daquelas frações de minuto que parecem margear a eternidade do tempo, ficaram ali, olhos nos olhos, bocas entreabertas, gargantas secas e corações em disparada, tal qual cavalos selvagens. Ficaram surdos a todo movimento à volta. Mas não totalmente. Era possível ouvir a respiração ofegante um do outro e o pianista dedilhando Pachelbel ao fundo. (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, 2014,p. 29, 30)

A família de Justin, apesar de bastante tradicional, aceitava bem sua orientação sexual. Exceto a tia Mildred, que constantemente se metia na maneira como sua cunhada criou os filhos, e usa a homossexualidade de Justin para atacá-la. No entanto, Cathy, a mãe de Justin, não se deixa abalar, tampouco permite que os preconceitos de sua cunhada ditem o caráter do seu filho.

- Ah! Por favor... Não se faça de desentendida! Essa história de ele ser gay e vocês aceitarem isso tranquilamente, sem qualquer questionamento.
- Mildred, isso não é passível de questionamentos!
- Como não? Isso não é certo, Cathy!
- Então, na sua opinião, o que é certo?
- Não seja tola! Todos ficam se perguntando. Justin é um rapaz bonito, inteligente, bem-sucedido, com trinta e três anos ele já é chefe executivo da ETS! E fica nessa vagabundagem!
- Mildred, eu não admito que você fale assim! – Catherine levantou-se do sofá. – Justin é um homem perfeito. Tem todas as melhores qualidades que um homem pode ter. E é bem provável que o fato de ser gay o tenha feito ainda maior e melhor.
- Faz-me rir – desdenhou Mildred.
- Eu não tenho a menor dúvida de que o homem que Justin escolher para casar será uma pessoa de muita sorte – Cathy partiu em direção à cozinha. – vou preparar um café e levar ao escritório. Você vai querer?
- Preto, por favor. E sem açúcar, porque eu não posso abusar, meu colesterol está na estratosfera! – Mildred levantou-se e seguiu a cunhada. – Mas, Cathy, eu devo lhe dizer: se algum dia o Justin resolver se casar com outro homem, eu não quero nem ser convidada. Não quero passar por isso... (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, 2014, p. 156)

Então aqui é possível observar dois pontos de vista: o de uma pessoa extremamente preconceituosa, que acha que a orientação sexual interfere nas qualidades do sujeito, e outro de uma pessoa que possui a mente aberta e tem consciência de que isso não é questão de escolha, sendo assim não há motivos para julgamento. O fato de ter um filho gay pode ter ajudado Cathy na formação desse pensamento desconstruído, já que ela convive diretamente com ele e pode presenciar de perto a sua realidade. Já no caso de Mildred, o preconceito presente na sociedade pode estar refletindo na sua maneira de enxergar a situação, visto que durante a vida inteira aquilo foi repassado para ela como sendo o certo, dessa forma se torna difícil desconstruir essa ideia em um curto espaço de tempo.

Outra questão interessante no romance é o conceito de família. Para muitas pessoas, só é considerado um ambiente familiar normal se existir um casal heterossexual e seus filhos, porém o livro mostra outra realidade. Edward, o pai de Justin, traiu a esposa e teve um filho fora do casamento, porém nunca assumiu, tampouco deu assistência à mãe da criança. Ela também não fazia questão, já que foi abandonada por ele. Mas, a medida que o filho ia crescendo, sentiu a necessidade de uma ajuda.

[...] Olhava para aquele bebê de boca brilhante, besuntada, e sorria. Jurou categoricamente que Matthew jamais colocaria os olhos no pai, que certamente nem sabia de sua existência. Também prometeu que ele jamais saberia. [...] Ela não tinha formação acadêmica e acabou tendo que aceitar trabalhar como caixa do pequeno mercado no final da rua. Matthew já era um adolescente e gerava todo tipo de demandas, fossem pessoais, fossem relacionadas à sua educação. A maioria delas, Sybille não conseguia ofertar ao filho. Viu-se num beco sem saída. Toda aquela precariedade a levou a repensar e recuar das antigas juras. (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, 2014, p. 83, 84)

Porém, no meio dessa busca, a mulher acabou falecendo em um acidente automobilístico e, por obra do destino, Gabriel quem atendeu seu filho, que também estava envolvido. Com isso, depois de acompanhar toda a recuperação do menino, um laço afetivo foi criado, então Gabriel, acompanhado de Justin, resolvem adotá-lo. Ou seja, uma criança que veio de uma relação heterossexual conturbada acaba por se encontrar em um núcleo familiar onde seus pais são dois homens. Isso derruba todo o argumento de que casais homossexuais não podem adotar filhos, pois isso pode interferir negativamente na vida das crianças. Muito pelo contrário. Aqui, um casal gay acolheu um garoto que foi deixado de lado por seu pai heterossexual, que agora acabaria por se tornar seu avô.

– Matt, eu e o Gabriel temos duas coisas a lhe perguntar – disse Justin. Ao perceber que o garoto aguardava, prosseguiu: – Bom, Gabe tem sua guarda provisória e agora nós vamos nos casar. Isso dará a ele o status de cidadão norte-americano. Nosso casamento é reconhecido legalmente pelo Estado de Massachusetts. Se, a partir daí, eu e ele entrarmos com um pedido de adoção, é quase certo que a justiça conceda sua guarda definitiva e nós seremos seus pais legalmente. Mas precisamos saber de você, com sinceridade. – Justin ajoelhou, como fez ao pedir Gabriel em casamento. – Você aceita ser nosso filho e vir morar nessa casa conosco?
A resposta de Matthew não veio em palavras. Ele abraçou Justin com força e puxou Gabriel, para que se ajoelhasse e se juntasse naquele abraço. Eles já eram uma família e algumas coisas que estavam fora do lugar, nem pareciam existir mais. (Águas Turvas, 2014, p. 209)

Com isso, outro argumento preconceituoso também cai por terra: o de que crianças adotadas por homossexuais também se tornarão homossexuais. Apesar de admirar bastante a relação dos pais, isso em nenhum momento interferiu na orientação sexual de Matthew, que era predominantemente heterossexual.

Em meio aos convidados, Justin e Gabriel ficaram estáticos quando viram Matthew entrar pela grande porta frontal de mãos dadas com uma garota morena, muito bonita, de cabelos ondulados, aparentando a mesma idade de seu filho.

– Pai – Matt engoliu seco e olhou para Gabriel. – Daddy J – olhou para Justin. Eu quero que vocês conheçam minha namorada, Claire.

– Uau! – surpreendeu-se Justin, levando uma pisada repreensiva de Gabriel.

– É um prazer conhecê-la, Claire – cumprimentou o médico, amigoso e sorridente, vendo o filho ruborizado feito um tomate. – Seja bem-vinda! (CALDEIRA, Helder. Águas Turvas, p. 259)

Desta forma, diante da análise do romance, fica claro que a homossexualidade não é algo adquirido mediante experiências pessoais e/ou sociais. Ninguém poderia optar por algo que só acarreta preconceitos e agressões. Sendo assim, o livro serve como reforço para desmistificar essa ideia de “opção” sexual, contribuindo assim para uma melhora na maneira que a sociedade enxerga a questão homoafetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura e a psicanálise são dois importantes pilares da humanidade. Sendo a homoafetividade uma questão bastante discutida, porém pouco compreendida, foi de grande interesse estudá-la diante das perspectivas dessas duas áreas, ainda mais tendo como recorte principal a análise de um romance em que vários pontos são esclarecidos.

Tendo em vista que a sociedade, embora esteja sempre em constante evolução, ainda é carregada de preconceitos, nada mais justo do que tentar derrubá-los através de argumentos justos e coerentes, mas de forma ainda mais efetiva, fazendo uso da representatividade presente na literatura brasileira contemporânea.

Foi de grande aprendizado analisar de que forma a literatura contribui nesse processo de desconstrução de preconceitos, bem como a maneira que a psicanálise entendeu e entende essa questão ao longo dos tempos. É necessário compreender a fundo os assuntos que movem as discussões humanas.

Portanto, extrai-se que o público LGBT precisa ocupar cada vez mais espaço, e nada mais justo do que começar pela literatura, que tem a incrível capacidade de abrir mentes e transformar pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDEIRA, Hélder. **Águas Turvas**. Rio de Janeiro: Quatro Cantos, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra – 6ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GREEN, James Naylor. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1970-1980). Editora José Olympio, 2006. Rio de Janeiro-RJ.
- JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- LACAN, Jacques. (1956-57/1995) **O Seminário**: A relação de objeto. Livro 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1995.
- _____. (1957-58/1999) **O seminário**: As formações do inconsciente. Livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999.
- _____. (2009) **O seminário 18**: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1971). 2009.
- MENACHEM, Ruth. Désorientations Sexuelles: Freud et l'homosexualité. **Revue Française de Psychanalyse**. v. 67, n. 1, Jan. 2003.
- NOËL, Jean Bellemin. **Psicanálise e Literatura**. Cultrix. São Paulo-SP. 1978.
- REVISTA CULT**. Nº 241. Bregantini. São Paulo-SP. Dezembro de 2018.
- ROGER, Pol-Droit. **Foucault, Michel: entrevistas**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Cerneiro – São Paulo: Graal, 2006.